

É hora de consertar o telhado



Como os novos ares da economia brasileira estão mudando os principais índices futuros macroeconômicos para melhor, começam a nos perguntar como o mercado de alumínio está vendo este futuro próximo.

Pois o vemos com otimismo e o futuro distante com muita cautela.

O mercado dos produtos transformados de alumínio (ou os produtos “finais” de alumínio), retroagiu em uma década com a contração da economia do período 2014-2016.

Isso não foi só com o nosso setor, mas aconteceu com toda a indústria de transformação. Esse período foi extremamente difícil para toda a cadeia, mas, especialmente, para as pequenas e médias empresas (PME), que têm maiores custos em função de uma gestão financeira mais frágil.

Pois bem. O alumínio é utilizado em diversos setores, porém três deles se destacam em termos das quantidades consumidas: embalagens, transportes e construção civil.

Embalagens está relacionado especialmente com alimentos e bebidas que são bens não duráveis. Em ambientes recessivos, eles são os últimos a diminuir o consumo. A mesma coisa não acontece com os chamados bens duráveis, cujos exemplos são exatamente transportes e construção civil. Em uma situação de crise, empresas e famílias adiam os investimentos, fazendo com que esses setores tenham um desempenho abaixo da média da economia.

O que diminuiu o impacto é que, tanto um quanto o outro estão substituindo outros materiais (aço, especialmente) por alumínio e assim, a queda do consumo do metal foi menor do que os dados físicos desses setores (número de veículos produzidos ou m² de construção).

OS MOTIVOS DE RECUPERAÇÃO – CONSTRUÇÃO CIVIL E TRANSPORTES – O dinamismo da utilização do alumínio está relacionado com dois fatores fundamentais do metal: as suas características físico-químicas como leveza, resistência, facilidade de manuseio etc. e a capacidade de ser reciclado indefinidamente sem perder suas características no processo de reaproveitamento, ao contrário de outros materiais. Isso é a chave de uma visão de economia circular.

Na construção civil, esses conceitos de economia circular, em que se analisa todo o ciclo de vida dos materiais utilizados fazem com que países como Japão, Canadá, Holanda, Suécia e Estados Unidos invistam cada vez mais no alumínio para a manutenção e construção de pontes, viadutos e passarelas de pedestres.

O alumínio tem sido aplicado em numerosos projetos de pontes veiculares em todo o mundo, desde que foi usado pela primeira vez, em 1933 (Pittsburgh, EUA). Igualmente se aplica, com criteriosa seleção e especificação de ligas, a estruturas instaladas em ambientes com elevada corrosividade atmosférica, como docas marinhas, plataformas de perfuração e produção de petróleo e gás, assim como em plantas industriais. O metal, altamente reciclável e reutilizável, também tem sido o preferido, em países desenvolvidos economicamente, pelos aspectos de sustentabilidade e elevado valor residual.

Isso também é importante em certificações ambientais “verdes” como, por exemplo, o selo LEED, entre outras, já que em esquadrias e fachadas, além de poder contar com um conteúdo reciclado gran-

de, diminui a carga térmica, reduzindo significativamente o consumo do ar condicionado. O metal tem vida média acima de 40 anos, o que diminui a necessidade de manutenção ou troca.

Por sua vez, no caso de transportes, o alumínio vem sendo cada vez mais utilizado, tanto no segmento automotivo (automóveis e caminhões), como no ferroviário e naval (no aéreo já está totalmente consolidado).

Os objetivos são vários: aumentar a durabilidade, aumentar a segurança veicular (em virtude do desempenho do metal na absorção de choques), melhorar a dissipação de calor e diminuir o peso.

A questão do peso é fundamental para se obter ganhos na eficiência energética. É importante lembrar que para cada 10% de aumento de massa, um carro aumenta o consumo de combustível na mesma proporção e o consumo de emissões entre 6 e 7%.

Então temos essas tendências em construção civil e transportes que irão fazer com que o consumo de alumínio seja maior que o crescimento médio desses setores, que está sendo esperado para 2018.

CONSERTANDO O TELHADO – Mas estamos longe de um quadro de crescimento sustentável. A recuperação a curto prazo será mais fácil – se dará a partir de um mercado que encolheu, que reduziu os estoques e que tem capacidade ociosa. Ou seja, é fácil prever um crescimento para 2018.

A grande questão que se coloca é a sustentabilidade desse crescimento. Temos um baixo crescimento da produtividade, ou seja, a medida do que se pode produzir com os mesmos fatores de produção capital e trabalho.

No livro *Retomada do Crescimento*, capítulo 2, Marcos Lisboa e José Scheinkman lembram que “em países como a Coreia, China, Taiwan e Índia (exatamente nossos competidores) a produtividade aumentou entre 30 e 75 pontos percentuais mais do que os Estados Unidos entre 1990 e 2014; já no Brasil, por outro lado, a produtividade cresceu 18 pontos percentuais, menos que a norte-americana”.

Olhando só para nós, na construção civil o produto por trabalhador caiu 1,45% ao ano no Brasil entre 2000 e 2015. Isso é muito ruim.

Nós temos que consertar os buracos do nosso telhado.

Isso significa pelo lado do governo e da sociedade o enfrentamento das questões de infraestrutura, estrutura tributária, ambiente regulatório, educação e todas as mazelas que sabemos bem. E, pelo lado das empresas, a busca de inovação, pesquisa e desenvolvimento, sistemas mais eficientes e maior abertura ao mercado internacional.

Dos metais mais utilizados, o alumínio é aquele cuja utilização mais cresce no mundo todo. Mas para a ABAL isso só seria motivo de comemoração se a nossa indústria for competitiva para utilizar esse alumínio no Brasil. A competição mundial está aumentando, mas temos muitas vantagens: temos alumínio competitivo e com baixíssima pegada de carbono, temos um parque industrial instalado, temos um mercado muito grande, temos uma democracia funcionando. Vamos arrumar o telhado? 

MILTON REGO

é engenheiro mecânico, economista e bacharel em filosofia. Especialista em Gestão pela Fundação Dom Cabral, desde 2014 é o presidente-executivo da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL)

E-mail: aluminio@abal.org.br